

SEGURANÇA

Os países americanos divulgam união

IV Conferência Ministerial da Defesa das Américas elegeu o inimigo do hemisfério: o narcotráfico

Todd Benson

Manaus



Em um encontro em que se discutiriam conceitos tão vagos como a segurança hemisférica e a confiança mútua no continente americano, pouco de concreto se podia esperar. No entanto, na IV Conferência Ministerial da Defesa das Américas — ocorrida na semana passada em Manaus — uma coisa ficou clara: o narcotráfico e outras formas de crime organizado são a principal ameaça à segurança do hemisfério no século XXI.

Diagnosticar o problema foi fácil. Como combater essa ameaça é outra história. Embora os ministros e representantes tenham divulgado a cooperação e o intercâmbio de informação ao longo da conferência, chegar a um consenso sobre como enfrentar de maneira conjunta as ameaças transnacionais foi difícil.

Prova disso são as divergências sobre o Plano Colômbia, a polêmica estratégia do governo Andrés Pastrana de combate ao narcotráfico nesse país, apoiada fortemente pelos Estados Unidos. Mesmo não figurando na agenda oficial, os debates a portas fechadas dominaram.

Antes de chegar a Manaus, todos os países fronteiriços com a Colômbia já tinham expressado suas preocupações com as repercussões nocivas do plano fora do território colombiano, tais como o êxodo de cultivos ilícitos, de

Uma bandeira pela Amazônia brasileira

Sivam visa a defesa e o desenvolvimento da região

Os objetivos...



Combater...

- Desmatamento • Queimadas • Garimpo ilegal • Mineração ilegal • Pesca ilegal
- Invasões de terras e de reservas indígenas • Tráfico de drogas



Aperfeiçoar...

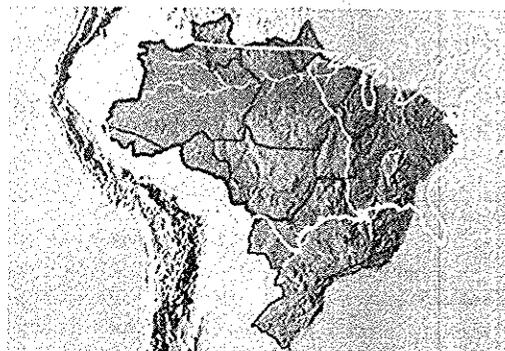
- Vigilância e controle das fronteiras • Vigilância e controle do tráfego aéreo
- Monitoração da navegação fluvial • Controle do uso da terra • Apoio ao desenvolvimento regional

...e o equipamento

Ampla rede de sensores para rastreamento de alvos cooperativos e não-cooperativos, para coleta de dados ambientais e para apoio a aterrissagens seguras

- Radares de rota para Controle de Tráfego Aéreo
- Radares transportáveis
- Radares meteorológicos
- Receptores de imagens de satélites
- Aeronaves de vigilância
- Aeronaves de sensoriamento remoto
- Sistema de telecomunicações para voz e dados, conectando os diversos locais
- Terminais terrestres de satélites
- Rádios em VHF para equipar estações integradas de comunicações terra/ar
- Centros principais de comutação de telecomunicações
- Terminais de usuários para acesso a dados
- Processamento de dados para monitoramento ambiental e informações de Controle de Tráfego Aéreo
- 3 Centros Regionais co-localizados de controle de rotas aéreas
- 3 Centros Regionais de Vigilância (Manaus, Porto Velho e Belém)
- 1 Centro de Coordenação Geral (Brasília)

Fonte: Raytheon



- A superfície do Brasil é de 8,5 milhões de quilômetros quadrados
- Cerca de 20% da população vive nas cinco maiores cidades do Brasil
- A Bacia Amazônica contém um terço das florestas tropicais da Terra, cobrindo mais de 5,2 milhões de quilômetros quadrados
- A região contém mais de 30% das espécies animais e vegetais conhecidas na Terra, com novas descobertas a cada ano
- A Bacia Amazônica contém 20% de toda a água doce do mundo

civis e narcotraficantes. Consciente disso, o ministro de Defesa colombiano, Luis Fernando Ramírez Acuña, passou a semana explicando os diferentes aspectos do plano.

“Ramírez veio desmistificar o Plano Colômbia”, disse o deputado federal de São Paulo, João Herrmann Neto, que representou em Manaus a Comissão Brasilei-

ra de Relações Exteriores e da Defesa Nacional.

O ministro colombiano deixou claro, entretanto, que não veio à conferência em busca de “apoio político” para o Plano Colômbia. “A Colômbia implementará o plano com ou sem a colaboração da comunidade internacional”, disse Ramírez, após sair de uma reunião multilateral, na qual se

debateu o plano antidrogas com os EUA e todos os países fronteiriços com a Colômbia.

Nessa reunião, os EUA foram ainda mais taxativos frente às reticências na região sobre o Plano Colômbia. Segundo Herrmann Neto, o subsecretário de Defesa norte-americano, James Bodner, insistiu que o Plano Colômbia seria feito com ou sem o apoio

internacional, e até chegou a reprimir os países sul-americanos por não mostrarem maior solidariedade com a Colômbia, “como os EUA têm feito com seu apoio ao Plano Colômbia”.

Na verdade, fora os EUA, nenhum país manifestou seu aval explícito ao Plano Colômbia, embora todos tenham dito apoiar o processo de paz nesse país, bem como a luta contra o narcotráfico. A Venezuela, ao contrário, foi abertamente crítica do papel de Washington no conflito colombiano. Em junho, o Congresso dos EUA aprovou um pacote de ajuda no valor de US\$ 1,3 bilhão para o Plano Colômbia. Está previsto o envio de 60 helicópteros e de até 500 assessores militares para ajudar na capacitação de tropas.

O general venezuelano Ismael Eliézer Hurtado Soucre surpreendeu ao criticar Washington. Segundo ele, a Venezuela está especialmente preocupada com a presença norte-americana nesse país. “Não sabemos que reação pode ser gerada com a presença dos EUA na Colômbia. O que sabemos é que os subversivos (a guerrilha) não ficarão de braços cruzados”, esclareceu.

A possibilidade de uma “intervenção militar” dos EUA foi rechaçada pelos norte-americanos e colombianos. O secretário de Defesa dos EUA, William Cohen, e o ministro Ramírez, da Colômbia, foram categóricos: “Não haverá intervenção norte-americana na Colômbia”. □

Brasil oferece serviços do Sivam aos países vizinhos

O presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso, aproveitou a realização da IV Conferência Ministerial de Defesa das Américas, em Manaus, para oferecer publicamente os serviços do Sistema de Proteção e Vigilância da Amazônia (Sipam/Sivam) aos demais países da região. “Os serviços do Sivam não são exclusivos

para o Brasil”, declarou o presidente durante a abertura do evento. O Sivam é um sistema multimilionário de radares e satélites que, a partir de julho de 2002, facilitará o combate ao crime organizado e a proteção ao meio ambiente na imensa região amazônica.

A oferta do presidente Fernando Henrique é uma das poucas medidas concretas de

cooperação regional apresentadas na conferência. O gesto certamente foi bem-vindo. Atualmente, a Amazônia apresenta-se como um dos principais focos de segurança do hemisfério, já que sua magnitude e a densidade de suas selvas dificultam um controle maior da região. A histórica ausência do Estado na Amazônia transformou a região em uma das rotas mais utilizadas pela indústria do narcotráfico baseada na Colômbia.

Espera-se que o Sivam dê condições ao Brasil para detectar o crime organizado e outras atividades ilícitas na Amazônia. “O Sivam será um instrumento muito importante no mapeamento e eliminação das rotas de tráfico de entorpecentes e de contrabando de armas”, explicou o presidente Fernando Henrique.

Tanto a Venezuela quanto a Colômbia, países com fronteira amazônica, aproveitaram a ocasião para elogiar o projeto brasileiro e manifestar seu

interesse em um tratado de cooperação com o Brasil para ter acesso aos dados do Sivam. A Venezuela já vem realizando gestões diplomáticas há alguns meses com essa finalidade.

A conferência ministerial em Manaus foi o cenário ideal para exibir o Sivam ao resto do hemisfério.

Manaus abrigará um dos três centros regionais de vigilância do Sivam, que foi visitado pelo presidente Fernando Henrique durante sua estada na cidade. □ (T.B.)

Plano não deve ser temido, diz Ramírez

Para o ministro da Defesa da Colômbia, programa antidrogas vai aplacar, não gerar mais violência

Todd Benson
Manaus



Luis Fernando Ramírez Acuña veio preparado para ser uma das estrelas da IV Conferência Ministerial da Defesa das Américas, realizada na semana passada na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas. O ministro da Defesa da Colômbia, de 42 anos, sabia muito bem que o polêmico plano antidrogas preparado por seu governo seria mencionado nas discussões a portas fechadas com as demais delegações do hemisfério, sobretudo com as dos países vizinhos. E foi assim.

O Plano Colômbia, que conta com um apoio de US\$ 1,3 bilhão dos Estados Unidos, vem sendo recebido com cautela e preocupação pelos países vizinhos, que começam a reforçar suas fronteiras, diante de uma possível onda de refugiados e narcotraficantes colombianos. Consciente desses temores, Ramírez Acuña dedicou grande parte de seus esforços em Manaus para explicar a natureza do Plano Colômbia e acalmar os ânimos dos países da região.

Durante a conferência, a Gazeta Mercantil Latino-Americana entrevistou o ministro Ramírez Acuña sobre o Plano Colômbia e a ameaça que o narcotráfico representa, não só para este país mas para a região. A seguir, os principais trechos da entrevista:

GMLA- Qual foi o objetivo principal da delegação colombiana na IV Conferência Ministerial da Defesa das Américas?

Luis Fernando Ramírez Acuña – Analisar junto aos demais países da região o tema de segurança, os mecanismos de cooperação, o intercâmbio de informação. E entre os que ameaçam a estabilidade democrática surge o narcotráfico. É óbvio que este não é o único tema que discutimos nesta reunião. Mas, à medida que o narcotráfico inclui uma co-responsabilidade de todos os países — produtores, os que integram a rota da droga e consumidores —, passa a ser um tema a ser abordado por todos os ângulos.

Orçamento de combate

Áreas de atuação e fontes de financiamento do plano - em US\$ milhões

	Investimento	Recursos nacionais	Recursos externos	Apoio externo - em %
Atenção à população carente	499,2	155,2	344,0	69
Atenção à população sob risco	72,5	14,3	58,2	80
Difusão de programas de direitos humanos	3,9	0,8	3,1	79
Total para o programa de atenção humanitária	575,6	170,3	405,3	70
Fortalecimento institucional e do capital social	143,8	26,2	117,7	82
Processos produtivos	396,6	123,1	273,5	69
Sustentabilidade ambiental	106,5	26,5	80,0	75
Infra-estrutura	390,3	183,6	206,7	53
Total para o desenvolvimento alternativo	1.037,2	359,4	677,8	65
Total proposto à comunidade internacional	1.612,8	529,6	1.083,10	67
Outros projetos financiados pela Colômbia	356,4	356,4	—	—
Total para o fortalecimento institucional e desenvolvimento social	1.969,1	886,0	1.083,10	55

Fonte: Site da Presidência da República da Colômbia

Escritório de Anticorrupção Mercantil Latino-Americana

“ **Acredito que os países vizinhos deveriam ter medo se não houvesse o Plano Colômbia. Porque a melhor forma de garantir que a violência na Colômbia e nos países vizinhos continue crescendo é não fazer nada contra os narcotraficantes e as pessoas que geram a violência** ”

GMLA-De que se trata essa co-responsabilidade?

Ramírez Acuña – Acredito que já exista uma maior aceitação internacional, inclusive nos países consumidores, de que os países produtores mais do que se beneficiarem do problema da droga, são vítimas. E enquanto, por exemplo, os EUA continuam consumindo mais de 300 toneladas de cocaína por ano e a Europa, 200 toneladas, na Colômbia haverá violência.

GMLA-Dadas as manifestações de preocupação na região em relação ao Plano Colômbia, parte de sua missão na conferência foi esclarecer esse plano para os demais países. Como tem explicado o Plano Colômbia?

Ramírez Acuña – Há dois temas que sempre discutimos com os países. Primeiro, o que a comunidade internacional fará para acabar com o narcotráfico. E, segundo, o que a Colômbia e os outros países produtores farão.

Todos temos uma lista de tarefas a cumprir. A comunidade internacional, em primeiro lugar, tem de reduzir o consumo. Em segundo lugar, tem de estabelecer controles mais severos para o envio de armas, porque mandam armas para o mercado negro, produzidas nos países desenvolvidos, e só geram mais violência. Em terceiro lugar, a comunidade internacional tem de estabelecer controles para o envio de substâncias químicas (usadas no refino de drogas ilícitas), que não são produzidos na América Latina, mas nos países desenvolvidos. Em quarto, a comunidade internacional precisa estabelecer uma política mais rigorosa de controle da lavagem de dinheiro. E, finalmente, a comunidade internacional tem de dar um tratamento justo aos produtos legais colombianos. Porque um campo, que tenha cerca de um hectare de coca, quando é convencido a mudar de cultivo, e resolve plantar cana-de-açúcar, se depara com um sistema de co-

mércio administrado — de cotas — e não pode exportar o açúcar. Ou, se decide cultivar bananas, encontra na Europa um sistema semelhante e não pode exportar, etc. Assim, há um paradoxo: de um lado, se consomem produtos ilegais, como a cocaína, mas, por outro, os produtos legais têm barreiras de entrada quanto ao controle sanitário, que impedem os produtos da Colômbia de competir nesses mercados.

Do ponto de vista do que a Colômbia tem de fazer, bem como os países produtores, há duas estratégias para reduzir a oferta. A primeira consiste em uma política de desenvolvimento alternativo. Isso quer dizer que os camponeses podem ter crédito, assistência técnica, que lhes ajudem a criar cooperativas para garantir a compra de suas safras. De outra maneira, será muito difícil que mudem de cultivos. E a boa notícia é que, pela primeira vez, há recursos para esta área, que poderíamos chamar de social.

GMLA-Essa área está inclui-

da no Plano Colômbia?

Ramírez Acuña – O Plano Colômbia possui recursos colombianos e do exterior e privilegia principalmente toda essa parte de desenvolvimento alternativo, de investimento social.

GMLA-E esse dinheiro para o desenvolvimento alternativo vem da União Européia?

Ramírez Acuña – Vem dos Estados Unidos mesmo. No pacote aprovado pelo Congresso norte-americano, há helicópteros, mas também recursos para o desenvolvimento alternativo de cultivos, para a proteção dos direitos humanos, para fortalecer o funcionamento da Justiça na Colômbia. O pacote é muito abrangente; não só militar.

GMLA-O Plano Colômbia gerou muita polêmica, tanto que os países vizinhos estão reforçando suas fronteiras, diante de possíveis incursões de narcotraficantes ou refugiados civis. Os países vizinhos devem temer o Plano Colômbia?

Ramírez Acuña – Acredito que os países vizinhos deveriam ter medo se não houvesse o Plano Colômbia. Porque a melhor forma de garantir que a violência continue crescendo é não fazer nada contra os narcotraficantes e as pessoas que geram a violência. O Plano Colômbia, ao contrário do que alguns acreditam, aplacará a violência que já existe. O que deveria dar medo é não ter uma estratégia. Mas a boa notícia é que temos uma estratégia e que a médio e longo prazos os colombianos decidiram erradicar o problema do narcotráfico na Colômbia. Isto, sim, implica que outros países não baixem a guarda. Que estejam atentos para evitar deslocamento de cultivos, porque o narcotraficante irá para onde julgar que o ambiente é menos hostil. À medida que a Colômbia tiver uma estratégia e atuar, será necessário que os demais países também se mantenham vigilantes, para não serem tolerantes com o narcotráfico e suas ramificações.

continua na página seguinte

POLÍTICA

SEGURANÇA

Ministro cobra apoio de ambientalistas

Ao criticar omissão das ONGs, Ramírez diz que narcotráfico destruiu mais de 1 milhão de ha. na Amazônia

vem da página anterior



GMLA - De um total de US\$ 7,5 bilhões previstos no Plano Colômbia, US\$ 500 milhões

serão destinados à ajuda humanitária para quem for deslocado pelas operações militares previstas no plano. Ou seja, o próprio Plano Colômbia prevê o deslocamento de civis. Neste sentido, a ONG colombiana Consultoría para los Derechos Humanos y el Desplazamiento, com sede em Bogotá, considera que, como resultado do Plano Colômbia, cerca de 190 mil pessoas serão transferidas nos departamentos de Putumayo, Caquetá e Amazonas. Essas cifras estão corretas?

Ramírez Acuña - O que tem gerado o êxodo na Colômbia é a violência e o narcotráfico, não o Plano Colômbia nem o governo. Há recursos, menos que o mencionado no Plano Colômbia, para atender a população deslocada. O próprio governo colombiano dá muita importância à necessidade de se proteger a população deslocada pela violência. Mas nós estamos convencidos de que isso requer uma estratégia conjunta a curto prazo. Porém, a médio e longo prazos a única solução é acabar com o narcotráfico e com a violência gerada por ele e que provocam o êxodo.

GMLA - Tem ocorrido uma sé-



LUIS FERNANDO RAMÍREZ ACUÑA

rie de reuniões bilaterais entre Colômbia e seus vizinhos na conferência. Quais os temas abordados?

Ramírez Acuña - Temas relacionados ao narcotráfico, à implementação do Plano Colômbia e a políticas de cooperação para atuar na região. Estamos interceptando praticamente um avião do narcotráfico por semana na Colômbia. Isso implica derrubá-los no ar ou em terra, já que na Colômbia existe um procedimento que, caso pilotos de aviões ilegais não atendam à ordem de parar, permite que se dispare contra eles. E já ocorreram disparos e aviões foram derrubados.

GMLA - Esses aviões são procedentes de território estrangeiro?

Ramírez Acuña - Todos vêm de território estrangeiro. Normalmente vêm para a Colômbia trazendo armas e precursores químicos e levam de volta cocaína.



Estamos interceptando um avião do narcotráfico por semana na Colômbia. Alguns, inclusive, já foram derrubados no ar



GMLA - Voltando às reuniões bilaterais, entra o Plano Colômbia?

Ramírez Acuña - Sim, são conversações para explicar um pouco mais o Plano Colômbia, porque eu entendo que há certa prevenção em alguns setores. Tem gente que não conhece exatamente o alcance do Plano Colômbia. Não sabe que é um pacote de US\$ 7,5 bilhões, que mais de 50% dos recursos são investidos pelo governo da Colômbia e que, fundamentalmente, existe um componente social mais importante que o militar.

GMLA - A Colômbia gostaria de ter mais apoio explícito dos demais países da região no Plano Colômbia?

Ramírez Acuña - Creio que em quase todas reuniões de presidentes e nos diferentes fóruns têm ocorrido manifestações formais de respaldo ao Plano Colômbia. No Grupo do Rio, e nas

reuniões feitas pelo presidente Andrés Pastrana no Brasil, Chile, Argentina, também o apoio é muito eloquente. De maneira que eu creio que, a nível governamental, há clareza. Provavelmente, a desinformação ou falta de informação em alguns setores de opinião pública gera prevenção contra o plano.

GMLA - Com relação à coresponsabilidade dos países consumidores da droga, há quem diga que não se trata apenas de reduzir o consumo de narcóticos ilegais, mas também de conceder à Colômbia e aos países consumidores um tratamento preferencial nas relações comerciais, já que o narcotráfico também atenta contra as economias dos países produtores. Esta é uma questão abordada pelo governo colombiano?

Ramírez Acuña - Sim, temos discutido com os Estados Unidos qual a possibilidade da Colômbia

firmar uma espécie de Nafta, ou acordo de livre comércio, que permita aos produtos agrícolas colombianos chegar ao mercado norte-americano sem os obstáculos atuais. Em relação à coresponsabilidade, temos enviado uma mensagem bem clara às ONGs ambientalistas, para que nos ajudem a difundir a mensagem de que o narcotráfico tem destruído mais de um milhão de hectares na Amazônia. Os narcotraficantes estão jogando toneladas de produtos químicos nos rios. Curiosamente tem havido aqui um silêncio muito grande por parte das ONGs ambientalistas sobre a destruição da Amazônia, a contaminação dos rios provocada pelos narcotraficantes e o desmatamento indiscriminado de florestas.

GMLA - O que dizer aos que vêm no Plano Colômbia o primeiro passo para uma futura intervenção militar dos Estados Unidos na região?

Ramírez Acuña - Nestes tempos modernos, o que se impõe é a cooperação e não a intervenção. Acredito que os EUA têm demonstrado interesse pela cooperação ao aprovarem o pacote de ajuda. A preocupação deve existir se não houver estratégia ou não acontecer nada. Mais perigoso seria ficarmos de braços cruzados. O Plano Colômbia garante que não haverá intervenção e que o narcotráfico desaparecerá a médio prazo. □